

Antologia de Sergio Virtude



Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

Medo de gente

Memória, Realidade e Esperança

Entre a casa e o botão

Algodão

Profecia

Desnudo

Tempo do tempo

A cria

Medo de pó

As rosas de Beth

A luz de um amor ...

Apenas

Asa curta

Avatar

Mascarado

Pessoas bonitas

Para falar do trabalho das abelhas

O Senhor do Outono

Dias... dos dias ... dos meus dias

Quando acordo

Entre a casa e o botão

Pilastra

Voltar

Medo de gente

Tenho medo de escuro ...
Medo de águas escuras ...
De solidão e ignorância ...
Tenho medo, medo
De pessoas perfeitas ...
De horários marcados,
De ansiedades adultas,
De assuntos infantis,
De perder a malícia,
De não entender a inocência ...
Tenho medo demais,
De desistir de mim,
De olhar um alguém com carinho,
De não ser correspondido,
De ficar amargo como fel,
De não entender mais o que sinto,
Tenho medo de saber tudo,
De saber que sei,
Que o que não sei,
É aquilo que realmente será o eu ...

Memória, Realidade e Esperança

Dê-me um sonho místico,
Coloque três mendigos mágicos,
Tire-lhes o olho direito de cada,
Para que possam enxergar teu destino,
E fuja assim como disse a minha mãe.
Quando eu quiser isso interpretar,
Sei que terei trabalho,
E não sei se querei chegar num ponto ...
Se é que este exista ...
Mas contesto-me a fé todas vezes,
Não mais que ultimamente, irregularmente,
Olhando meu dia a dia, desimportante,
Necessário e ininterrupto,
Onde penso se o significado do passado,
Habita apenas na memória ...
Eu penso no tempo,
Como numa maré efusiva de vontades,
Umas cumpridas e outras curtas,
Ao qual, exibo clareza de palavras,
Marcadas e rodeadas de vento e hálito.
Não meço o meu entendimento em breve,
Quem dirá em exato, ou meramente real.
Penso de forma abstrata,
Para me abster de culpa ou sortilégio,
E prefiro acreditar enumerando as fases,
Onde no Passado mora a Memória,
No Presente vivo a Realidade,
E no Futuro, ainda acredite ter Esperança ...

Entre a casa e o botão

Entre os dias e períodos de placidez,
Existem vazios vazios,
Mas vazios de derivação de coisas mesmas,
As quais me fazem refletir,
Se o que vale a pena em ser,
Pode ser apenas o ser em si ...
Talvez seja esse o sobrenome do tédio,
Ou até mesmo,
O tempo demorado e exaustivo da rotina,
Essa mesma que tortura os ansiosos,
E alimenta os preguiçosos de viver ...
Um pensamento que não me sai do espírito,
É o de ter de concordar com tanta coisa,
Tanta unanimidade disléxica,
Tanta rédea e cabresto, chicote e estribo,
Onde podemos ser tão livres ...
E muito menos exatos ...
Minha alma chora nessa hora e instante ...
Ao ver como escada rolante,
Dá-se essa evolução ...
Que se repete e ganha nome ...
Assim como a leve pressão,
Que prende a casa ao botão

Algodão

Temos inocência quase infinita,
Mesmo quando tramamos o próprio mal ...
Pois o mal é a fantasia deliberada,
Daquele que olha o outro com inconstância,
Inveja, Incapacidade e Rancor,
O que não significa possível de existência,
Tudo isso dentro de nós ...
Mas dentre minhas escolhas,
Ainda prefiro as primeiras, as infantis,
Que eram mais impossíveis, corajosas,
Como quem voa com um pulo,
E lê as mentes com um simples piscar de olhos,
E faz as coisas flutuarem com o indicador ...
E nesse tempo, não existia medo de se sujar,
Então deitava no chão de terra, grama e madeira,
Olhava pro algodão do céu ...
Tinham dias que estava repleto de bichos e cores,
E tinham dias em que o cinza e a luz,
Me davam vontade e esperança ...
Mas desde que me levantei desse chão,
Comecei a olhar por outro ângulo,
E de vez em quando, ainda procuro,
Vejo formas diferentes, e me alegro com o que é simples ...

Profecia

Eu queria definir uma forma de desejo,
Onde o desejo sendo desejo,
Fosse algo mais certo,
Inflexível, marcial e então menos eu ...
Eu tenho um defeito de compreender ...
A não-astúcia de tudo explicar ...
E coerências falhas ...
Mas ainda almejo mais do que isso,
Pois o tempo não me corrige ...
Apenas me protela e eu assim consinto ...
Entre a água e o fogo, sou barro ...
Argila seca, que com um se forma,
E com o outro se consolida ...
Mas nunca, nem um e nem o outro ...
E também gostaria de acreditar menos no tempo,
Como um curador de obras primas,
E deixar que as execuções de atitudes pérfidas,
Sejam realmente existíveis ...
E nisso aprender a guardar as minhas agulhas,
E meu talento de remendar ...
E também esquecer a passagem de volta,
E também o outono e o inverno,
E fazer menos ... cada vez menos,
E talvez, embora duvide,
Mais por mim ...

Desnudo

Luz e sombra,
Vento e frescor,
Dia e Noite,
Visão e Intuição,
Sol ao dia e Luz a noite,
Vontade de sentir ...
Vontade de ter vontade ...
Liberdade de sentir vontade,
De ser Natureza e parte dela,
Do todo e da forma,
Assim fazer parte ...
Enfiar os pés na terra,
E dela renascer, e crescer ...
Ser água, e nela penetrar ...
E na pele sentir os pêlos balançarem ao vento,
E nessa Natureza dar-se o âmago,
Até a inexistência de todas as vergonhas humanas ...

Tempo do tempo

Como se mede o tempo ?
Ou o próprio tempo,
Tem vontade própria de se auto medir ?
Ou será o compasso dado por este,
A fração de que se precisa,
Pra considerar atitudes,
Coordenar ações ou pensamentos,
Pensando ser exato, logo preciso,
Um ponto de evolução nobre,
Desmistificada por uma explicação,
Não necessariamente lógica,
Humana, e um pouco nefasta ?
É uma dúvida tão cruel,
Quanto o sentir o próprio tempo ...
Seja um segundo desgastado,
Prolongado como um piscar de olhos
De uma criança feliz e ingênua ...
Ou a visão de futuro dos velhos,
Que enxergam muito através de seu filtro,
De experiencia, miopia e um pouco de ignorância,
E tem mais passado do que futuro ...
Mas uma verdade óbvia,
É que ninguém está inerte ao próprio tempo,
Assim como ele põe no meu ouvido,
A sensação de crença ou não,
E em meus joelhos, o cansado das horas,
Ele desenha na nossa pele,
Sua ação e sua cobrança ...

A cria

Fortaleza, sim pareço ...
Bons hábitos, sim os tenho ...
Medos, tenho disfarçados ...
Contradições, choro em segredo...
Tenho um domínio instável,
Tranquilo, morno e insosso
Da minha própria vida,
Que a qualquer folha caída,
Sinto a inconstância de meus galhos.
Sou gente, mas pareço planta,
Porque dependo da fotossíntese diária,
Da expurgação dos meus males,
De minhas tristezas,
Resultados das minhas expectativas,
E dos sonhos de quererem impróprios ...
O controle de sua própria Vida,
Tem aspectos estranhos,
Onde você percebe que,
Tudo o que criou,
É sua responsabilidade, sua culpa,
E você tem de suportar,
Admitir, manter e gerenciar,
Sentimentos, sonhos e pessoas,
E sonhos de pessoas,
E expectativas suas ...
O que entristece o seu coração,
Muitas vezes, é o resultado
Daquilo que ele mesmo construiu,
E que o outro não vê...
Mas, quem sabe um dia,
Após mais erros e preces,
Horas sem sono, trabalho,
Cafés, músicas e solidão,

Eu aprenda a aceitar a culpa,
E consequências,
De tudo o que crio ...

Medo de pó

Amanheci com medo hoje,
Não aquele comum, igual medo de escuro,
Um que não sei explicar,
Mas me faz sentir vivo ...
Tão vivo quanto minha necessidade de pressa
E de acordar ...
A pressa que tenho é o resultado
Do atraso que não tenho ...
E meus nãoos, fazem-me olhar as pessoas,
E achá-las ridículas e necessárias,
Tais quais alguns de meus desejos,
Mascaradamente duplicados ...
É meio que olhar sem ver,
E sem a nefasta mania de raio X,
Que me é inerente ...
Não é um exercício de contemplação,
Pois estou triste comigo mesmo ...
É o ato em si, da própria visão,
Onde o que se adora,
É a poeira ...

As rosas de Beth

*As estações nos trazem vida,
Compartilhando o que a Natureza,
A Mãe Eterna,
Tem por formação e singela propriedade
Em seus ciclos sazonais inexplicáveis.
E uma vez, há muito tempo,
Já fizemos parte dela,
Como seres mais tangentes,
Mas com nosso comportamento adjacente,
Vemos a cada dia sua simbiose,
Sua alternância, sua magnificência.
Nossa inconstância nos impede
Do olhar mais terno
Que nos une, nos evidencia,
Torna-nos imperfeitos, incapazes
De entender a lei das compensações.
Fora deste discernimento,
Criamos uma própria lucidez
Naquilo que desejamos
Ser o nosso ideal.
Mas as estações passam e repetem-se,
Os mundos criados, e as verdades alegres,
Transformam-se e se misturam
Junto com a brisa leve do mar e sabor de família.
E nos jardins do orgulho materno,
Um dia cavados com as próprias mãos
Já roídas pelo trabalho, dos dias já idos,
É que crescem as flores,
Que tudo vêem, contemplam,
Trazem a vida dentro de suas sementes,
E os presentes do futuro.
E lá ficam cálidas, plácidas, mudas
Existindo inteligentes*

A observar a mudança dos tempos.

A luz de um amor ...

*Experiencia própria,
Direção que guia o homem,
E impõe felicidade.
Pessoas procuram pelo Amor,
E cegam-se devido sua exaustiva jornada,
Pois passam por cima uns dos outros,
Estes muito passíveis,
De formarem seus pares perfeitos.
E nesta hora, a enganosa ansiedade,
Dá a este personagem,
O ser carente, assim como nascemos,
Um disface naquilo que ele vê,
Como o que acontece,
Numa casa de espelhos dislexos
Que no parque de diversão
Anima a todos
Exibindo suas próprias imagens distorcidas.
Mas indo a fundo,
Sem precisar em vocábulos radicais,
A busca do Homem,
Sempre será,
Enquanto conseguir ser humano,
A busca do Amor.
E àquele amigo de outrora,
Que se consumia de inveja,
Apenas por um fato contado,
Só lhe resta uma vaga imagem,
De um dia que já se foi,
E daquela historia
Dos cinco minutinhos infinitos
Que levaram pra explicar
A frase onde tudo começou ...
"Eu te amo".*

Apenas

Viram-se as ampulhetas,
Os ombros, os destinos, as cabeças ...
E eis o que sobra ...
Dúvidas a mais ou certezas concluídas ?
Ouço histórias, vejo reações
Contradições ...
Minha opinião arrogante me impede de falar,
Porque afinal, as pessoas não são o que dizem
E sim o que percebemos delas ...
Eis então o silêncio espontâneo
E as frases vagas, de verdades não ditas
O meu egoísmo me impede de muitas coisas
Muitas ações, explicações
Percepções minhas, julgamentos meus
Minha particularidade cruel ...
O meu apenas ... apenas ...

Asa curta

São em momentos específicos
Em que seja Deus, seja a Vida,
Trazem o algo do aprendizado...
Ganhei uma caixa de areia,
Para nela brincar e fazer desenhos,
De minha história e das que ouço...
Eu misturo inocência e malícia,
Confundo o que deveria ser dito,
Com o silêncio daquilo que se sente,
E vou me mantendo criativo,
Porque não quero me dar a rotina...
Dentro dessa caixa, mora um anjo ...
Mas ele tem asas curtas,
E voa ao alcance das minhas mãos...
Mas ele não sabe que é anjo,
Sua natureza só é enxergada pelos alheios ...
Ao conversarmos, presto atenção em suas palavras,
É como reaprender, aquilo que já sei,
Mas esqueci em algum lugar,
Em algum não sei porque...
Eu guardo pessoas, dias e momentos,
Na lembrança, no coração e íntimo.
E me admiro que ainda
Encontre a energia da empolgação dos iniciantes ...
Esse anjo me ensina um pouco disso,
Porque ele me fala em sonhos,
De olhar a vida como uma chance,
Uma possibilidade de magia e conforto.
Eu o encontro de verdade,
Quando rezo e penso no imaterial...
Nessa hora é como se eu sentísse seu sorriso,
E sua vontade
De se aninhar sobre meu peito,

E dormir feito passarinho ...
Mas não o culpo,
Porque no fundo, na crua realidade,
O que todos procuram,
E não dão nome, às vezes,
É essa segurança...

Avatar

Percepção, sensibilidade e propriedade, Esses são os termos que me autorizam a me reconhecer. Assim mandam as legendas sociais, As de força, inteligência e postura ... Isso é a coroação do social, da inclusão dos homens ... Um refugio daqueles que tem medo de olhar pra dentro de si ... Um perfeito hóspede para o cruel Procusto, Que se deixa encantar pelo conforto equivocado Pela paz do obedecer e se encaixar, Pelo sim automático do que pelo não verdadeiro ... Mas eu nasci para perceber e observar... Não sou nada extremo, nada incomum Mas quando olho, não olho o que está na frente, Procuro olhar o que está dentro ... Não o que está em negrito, e sim o que está insinuado. Não ouço falas ... Julgo gestos, e leio seus sinais ... Acho que a maldade que aprendi, Foi mais com a Agressão disfarçada de Educação. Ninguém segura tanto o ódio residente em si, Tanto que uma hora não o solte em forma de frase passiva e articulada, Revelando sua arrogância de ser ... Minha couraça me protege, Mas ela não sou eu ... apenas parte Externa, fina e em muitos cantos machucada.

Mascarado

Quando deixo meu instinto falar,
Fico surdo ... entrego-me !
Deixo meu ego frágil,
Revelar seus negros desejos de destruição,
E violentamente assumo essa carga voluptuosa ...
É meu segredo, que escondo até de mim,
Pois o inconveniente seria,
A forma mais animal e rústica,
Mais prazerosa de incorporar este prazer ...
Sinto necessidade desse romper,
Dessa brutalidade para poder me acalmar ...
Desejo de desejo, por palavra,
Por toque e força instintual ...
E como se esse jogo masturbatório,
Me fizesse jorrar de prazer,
Até escorrer entre as pernas ...
Um combinação de palavras penetrantes,
Braços que se enredam em pegadas fortes,
Línguas hábeis, viscosas a serpentear,
Úmidas e com sabor de prazer,
Pelas minhas entranhas e boca ...
Não peço compreensão e nem misericórdia,
E ainda acho que por mais que atinja um êxtase,
Não trocaria tais hábitos,
Nem tais pecados,
Nem muito menos, tais desejos ...

Pessoas bonitas

Mas afinal de contas,
O que é que nos atrai em alguém ?
Como sempre, um tema divergente,
Afinal, existem diferentes tipos de preferência ...
A idade refina algumas delas ...
A beleza se torna outra ...
Os olhos miram homens e mulheres
E os acham atraentes, sedutores e possíveis ...
Alguns são belos e sabem disso ...
Alguns são interessantes e não tem noção ...
Alguns são especias e nos tocam a alma ...
Por vezes, me perguntam
O que vi nele ou nela,
E só sei que senti ...
Não dei ouvidos aos olhos,
Apenas deixei que o coração absorvesse ...
Há homens maduros
Em conjunto com um vinho,
Se tornam o prazer perfeito,
Assim como mulheres,
Que com sua natureza,
Façam-nos desejá-las instintivamente ...
O sexo é uma tênue linha
Que compreende desejo e instinto ...
O amor é invenção humana ...
E esse sim, é que faz com que nos percamos ...

Para falar do trabalho das abelhas

Quando conta-se uma história,
São necessários alguns fatores,
Números, personagens, ações ...
Credibilidade, fé, construção ...
O próprio jogo de palavras,
Por si só tem de convencer o ouvinte ...
Pois não há nada pior,
Do que ser ouvido com descrença ...
E a escrita é um dom dado aos homens,
Para apenas registrar o que já está encaminhado,
Pois se é para o futuro,
A idéia por mais que não aconteça,
Alguém a teve e a transformou em texto,
Em expressão e conteúdo.
O mesmo se dá ao passado,
Pois estará registrado mesmo que em memória,
Porém de uma forma que em algum outro lugar,
Estará em forma de palavras já executadas.
Até mesmo as mentiras, assim como as verdades,
Necessitam de registro ...
Pois essa é a repetição que se dá ...
Os indivíduos constroem palavras e vidas,
Num ciclo comum, inerente a todos.
É algo tão cíclico, que quando me pergunto
O quanto sou importante,
As vezes, me vejo como não prioridade.
Aí invejo as abelhas ...
Pois são belas e não precisam de méritos,
Nem bondades ...
Nem adjetivos ...

O Senhor do Outono

De tempos em tempos,
Invento coragem e saio dos trilhos,
Perco-me logo ali,
Dentro de minha propria casa,
Abro gavetas, e guardo segredos,
Em meias furadas,
Essas mesmas que protegem
Os mesmos pés que as furaram ...
Não são segredos na verdade,
É a minha imaginação,
Que assim os classifica.
Eu falo de uma sabedoria,
Que vem do coração ...
E não me pergunte o porquê,
Eu vivo coisas no paralelo,
Ouço pessoas demais,
E me dou o trabalho,
De percebê-las felizes ...
E que como os bobos,
Com elas também fico feliz.
Então concluo que não sou,
Nem quente e nem frio,
Nem semelhante e nem diferente,
Sou eu o termo ameno,
Que dá continuidade as coisas fantásticas,
Mas passo despercebido,
Com passo furtivo, esguio,
Mas não menos pesado e certo
Que me façam cair em pé
Após cada balanço e tombo
Que a propria vida me dá.

Dias... dos dias ... dos meus dias

Eu pergunto à quem espera,
E quem espera se pergunta,
Se em sua dúvida, logo esperança,
O tempo, esse amigo cruel,
Findo de misericórdia,
Leve, indiferente e alheio de conceito,
Se há oportunidades,
Vidas e acontecimentos esperados,
Nesse então porvir ...
O tempo, criatura atemporal,
Real e açoitadora,
Cria ilusão de que podemos ganha-lo ...
Mas ele ri em contrapartida,
E nos abençoa com suas críticas,
Reveladas em nossos ossos e pele ...
Há quem faça se achar melhor,
Há quem diga estar melhor,
Mas uma coisa é certa a nós mortais,
Para problemas de dinheiro,
O trabalho resolve ...
Mas para problemas de tempo,
Somente a paciência ...
Sejamos então naus egoístas,
E aprendamos que
Tempo perdido não volta mais ...

Quando acordo

Quando desperto de meu sono,
Ou mesmo de uma ilusão,
Ainda não sou eu que me percebo ...
É meu corpo que está a tinir sentidos ...
Latejo-me ...
Nessa hora, enquanto se restabelece a percepção,
De alma, de espaço físico,
Sou eu ... o Eu primeiro,
Aquele que tem em si,
O poder de posse de suas medidas,
O alcance do espaço do impensado,
As medulas em ebulição,
E todos os pulsares involuntários ...
Inclusive, nessa hora primeira,
Não sinto culpa, nem vergonha,
Nem me sinto eu, porque ainda não me sou ...
Acho que apenas inconscientemente,
Nessas primeiras respirações,
Nesse primeiro contato com a anunciação do dia,
Vejo que não me permito a insônia,
Vilã maléfica daqueles
Que têm mais esperança do que atitude,
Porque isso não me foi ensinado ...
Mas acordo menos animal do que o dia anterior,
Menos radical, menos bondoso,
Apenas nessa hora onde sinto,
Que meu corpo é meu limite,
Que a ele pertenço,
Assim como ele me pertence ...

Entre a casa e o botão

Entre os dias e períodos de placidez,
Existem vazios vazios,
Mas vazios de derivação de coisas mesmas,
As quais me fazem refletir,
Se o que vale a pena em ser,
Pode ser apenas o ser em si ...
Talvez seja esse o sobrenome do tédio,
Ou até mesmo,
O tempo demorado e exaustivo da rotina,
Essa mesma que tortura os ansiosos,
E alimenta os preguiçosos de viver ...
Um pensamento que não me sai do espírito,
É o de ter de concordar com tanta coisa,
Tanta unanimidade disléxica,
Tanta rédea e cabresto, chicote e estribo,
Onde podemos ser tão livres ...
E muito menos exatos ...
Minha alma chora nessa hora e instante ...
Ao ver como escada rolante,
Dá-se essa evolução ...
Que se repete e ganha nome ...
Assim como a leve pressão,
Que prende a casa ao botão

Pilastra

Eu tenho histórias,
Assim como todos têm ...
Mas em algumas, não nego,
Prefiro inventar um personagem,
Para que possa acreditar,
Que eu sou quem eu sou ...
Esse sou, vem carregado de muitas coisas,
Lotado de minhas questões,
Em algumas vezes percebo-me frágil,
Porém nunca perecível ...
Um tanto excêntrico,
Mas com escolhas óbvias e banais ...
Se pareço ter forças,
É porque penso nas plantas de meus pés,
E vejo a inofensividade de meus tornozelos ...
Eles arquitetam meus passos,
E sustentam meu corpo,
Que tem a leve propensão,
De cair pro lado esquerdo.
Meu personagem conta histórias,
Umas minhas, outras inventadas,
Mas que sirvam pra ligar pontos,
Lugares, pessoas e amores ...
Pois estes são sempre difíceis de encontrar
Mas em meu projeto
Arquitetônico imaginário,
Engenhoso em confabular sonhos,
Não consigo enxergar força,
Pra carregar a maldade humana,
Nem a divina inventada
Por humanos que não sabem nada perder ...
Deve ser porque
Enquanto me mantiver paralelo,

Nu e constante a meu personagem,
Serei mais autêntico,
Mais livre e menos arrogante ...

Voltar

Em tardes distantes,
Pelas minhas ladeiras fáceis,
Da minha vida e de outras,
Faço o regresso descansado,
Pretendo ao meu bel prazer,
O de descer, e descer em mim,
Sempre um pouco mais,
Dos meus lados superlativos e bobos,
Exatos em pensamentos,
E perdidos de vontade de certeza.
Um alívio, esse regressar ...
Não que isso seja uma poda,
Um formar, ou um moldar ...
Apenas uma pequena liberdade,
Que traz uma porcentagem de sorriso,
Ao canto direito e paralelo ao esquerdo
De minha boca ...
Uma pequena alegria desconstruída de ganância,
Apenas mais um chegar,
Que sempre me faz bem ...
Pois é aqui que eu pertenço ...